



rainha Victoria Eugenia de Hespanha, que durante a actual crise, tem promovido muito o exercicio da caridade por meio de copiosos donativos ás instituições de beneficencias

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Illustração Catholica

Revista litteraria semanal de illustração graphica

Redacção, administração e typographia

33, R. dos Martyres da Republica, 37

BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA (PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno 3\$000

Semestre 1\$500. Trimestre 750, rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo entregado
acresce o importe das despesas

Extrangeiro — Um anno, 3\$600.

Numero avulso, 80 reis

Numero 247

Braga, 23 de Março de 1918

Anno V

LIVRARIA CRUZ

BRAGA

Telephone n.º 29

Telegramas: — **CRUZ LIVRARIA**

Casa fundada em 1888

EDITORA das obras do celebre hidroterapeuta *Mgr. Kneipp*.
EDITORA de muitos livros adoptados no ensino *primario, normal secundario, especial e superior*.

EDITORA e proprietária da Coleção *Sciencia e Religião*.

EDITORA de livros de piedade—*Centelhas Eucaristicas, livro de Orações, etc.*
Completo sortido de *Papelaria* objectos de escritório—Utensilios e modelos para desenho e pintura—**Agencia de Publicações.**

OFFICINAS

—DE—

Esculptura em Madeira

—E—

PINTURA
Teixeira Fanzeres

RUA DO SOUTO 134—BRAGA

N'estas conhecidas officinas, executam-se com a maxima perfeição, imagens desde a miniatura ao tamanho natural. Esculpturas com magnifica pintura. Tem sempre em deposito um variado sortido de imagens, bem como banquetas, douradas, belas automaticas, jarras, sacras, sanctuarios, crucifixos e outros artigos religiosos. Encarrega-se em todo o paiz de altares, tribunas, decorações em qualquer estylo, e de todos os trabalhos pertencentes a este ramo d'arte.

Perfeição e nitidez em tudo

Preços modicos

Contra riscos e guerra terrestres
e maritimos, grêves, tumultos e roubos,
segura a *Companhia Luzo-Brazileira*
de Seguros

SAGRES

Séde — Lisboa Largo S. Julião
19-2.º — Tel. C. 2961. Banqueiros: Pinto & Sot-
to-Maior. — Agente em Braga, Amares, Povo-
a de Lanhoso, Terras de Bouro e Vieira

José de Faria Machado

Rua do Souto 105-1.º BRAGA

Luneta de Ouro

Officinas de esculptura, enadernação e concertos de imagens, batinas e vestes sacerdotaes.

Artigos religiosos, imagens, paramentos Harmoniums, oculos, pincetaz, binoculos, cutelaria, optica e artigos de phantasia.

Aurelio Monteiro & C.ª

Rua do Souto, n.º 123

Caixa postal 1588—RIO DE JANEIRO

Tele- home 5593, Norte

«Illustração Catholica» vende-se nesta casa,
Numero avulso 300 rs. (moeda brazileira)



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Souza Gomes Velloz

EDITOR E ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 23 de Março de 1918

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 247—Anno V



As ruinas da cathedral de Yprés

CHRONICA DA SEMANA

Na forja



A temperatura desceu. Nuvens baixas taparam o azul de lês, a lês, acinzeiradas, rolando do mar para a terra. A planura da beiramar voltou a afogar-se de neblinas opacas, e a chuva cae agora espaçando nas estradas, vergastando as arvores, enlameando as ruas... Para os lados do Matadouro velho onde o typho vae recrutar os cortejos enfermos que longamente em estirados filas os leitos dos hospitaes novos e antigos vão dobandando ha dois mezes em grandes novellos de miseria que dia sim dia não, como as febres de sezões, se enterram em Agramonte e no Repouso: para os lados do Matadouro velho parece que as escorralhas da cidade omnia, debaixo da chuva frigidissima, um aspecto mais desolado, e quando vem a noite todas as bocarras de jilhas tenebrosas semelham antros, santo Deus!

Anda o mal á solta, diz o povo, e a sua vida decorre entre a porta dos postos municipaes á cata do pão que a Camara lhe pôde arranjar, quando é possível, e a casa horrivel onde elle espera a todo o instante a chegada do morbo verde da epidemia—que miseria!

A psychologia popular n'estes trances offerece como uma loucura pandemica de medos. A reiva da fome aguça-lhe os gumes da revolta congenita e cillo a receber o pão, recalçitrando, rosnando ameaças contra os ricos, os novos e os velhos—uns ladrões! e olhando sempre pertinazmente os outros como inimigos, a figurar a peste como um pretexto para matar gente nos Guellas de Pão, lá para o Bom Fim. Reedita-se contra os medicos e auctoridades a fabula tremenda de ha annos contra o dr. Ricardo Jorge, a quando da gubonica, «O typho? é uma invenção d'elles, para ganhar dinheiro em novas occupações, matando gente.»

É infame, colleante, o mariolagem formigal assopra aos ouvidos sujos dos miserandos que o typho, ah! o typho é mais do que isso, é um pretexto, mas politico ouviram? politico... para o Sidonio fingir de corridoso e, bemfazejo...

Contou-mo hontem á noite alguém que o ouviu dos labios grossos d'um homem do povo que vinha pedir pão!

É feimava ao ir-se embora: — E' a politica, o raio da politica! deixando afraz de si o assombro perante os relampagos da estupidez dos pobretainas e um forte rasfo de terror. Porque eu vi os quatro cantos da cidade despejarem gente prã Ribeira a roubar os armazens de importação e os Cais da Alfandega, de noite e de dia, revelando ao pacafo burguez do centro da cidade dezenas de milhares de caras desconhecidas, dezenas de milhares de boccos que gritavam, e figuro ainda nifidas

as scenas que presenciei ao cabo de Cedofeita no assalto a uma locanda, e revejo a onda escura do povoleu a correr, elerigos acima cheio de rumor, fugiado ao estrépito das descargas da guarda lá para baixo ao pé do rio, que chegava até mim sêcco e sinistro, no silencio nervoso e alto d'aquella noite, em que só tres sons havia: o das descargas, os dos cascos dos cavallos das forças de ronda e o alarido das massas dos assallos.

Ha dias voltava eu para casa, á meia-noite, a bater aqui e além pelos campanarios, passei por um grupo de operarios, ajuntado a uma esquina de viella. E ouvi distincta esta phrase que fixei como um presagio:

— Deixae-os! que inda havemos de voltar lá abaixo a fazer-lhes a visita.

... De sorte que ás prevenções nos quartéis por môr da conspiração democratica, á zoada dos boatos que a promellem á vontade do freguez como nas mercearias, o tendeiro promette a proxima descida dos gêneros, vem sobrepôr-se essa outra ameaça de uma enorme fogueira social a lamber tudo. Em Lisboa núcleos de acritas distribuem pequeninas brochúras revelando seductoramente toda a organização dos sovietes moscovitas, e nunca como agora se fallou tanto de grêves!

As válvulas de segurança da machina, parecem impotentes para suster os Caustos do resfôlego; ninguém quer vêr que as reclamações dos de baixo acerretarão as das classes medias contribuintes, e que isto vae dar n'uma catastrophe, se não se altera a ordem ou desordem dos factores, se não se calla esse resbunar da tuba, surdo, continuo como o de gatas maltezas nas brigas de janeiro, ou os roncões do mar n'estas noites sem lua, que tem feito.

Os vendeiros começam a rissar freneticos as suasas, perguntando por entre o arrastado pigarro das goelas entarroadas, se afinal o Sidonio *e o Machado Sentos mettem ou não isto na ordem...

É enquanto o haut-monde femenino continúa a rogar-nos pelos queixos a penugem das pellicões carissimas e a fazer passar ante os nossos olhos o brilho das pedrarias; enquanto em recachos imbecis, de cópia americana ou ingleza, os meninos bonitos fazem esturdias; eu estou d'aqui a vêr desencadear-se qualquer dia uma bernarda, inêdita, original publica de braveza e iracundia, primeiro nas cidades e centros operarios, depois a dellograr pelas aldeias, que será para os descuidados a chacina e para os avós uma surpresa mas que transformará este Portugalito valiente n'um cadoz, com sabida para lêste... ou eu me engano muito?

F. V.

SERÕES AMENOS

DE FREY GIL DA SOLEDADE,
BORESSO DA PALPERRA.

XXVI

Os caracois sympathicos



CONTINUAMOS a contar a aventura dos caracois;

E quanto á maneira como se effectua esta communicação, parece que depois da separação dos caracois que sympathizaram, juntos, exhalase delles uma especie de fluido de que a terra é o conductor, fluido que se desenvolve e desenrola, por assim dizer, como o fio quasi invisivel da aranha ou do bicho da seda que tambem se poderia desenrolar a prolongar um espaço indefinido sem o quebrar: com esta differença apenas, que o fluido caracolico é completamente invisivel e tem tanta velocidade no espaço como o fluido electrico, e que é por este fluido que os caracois produzem e transmitem a commoção de que fletora como toda a gente sabe que os caracois são hermaphroditos ou dois sexos, isto é, macho e femas ao mesmo tempo devemos conceber como é que, podendo a sympathia partir de um dos caracois para o outro instantaneamente, tambem a communicação caracolica pode instantaneamente transmittir-se de um a outro, e vice versa.

Nesta altura, deante de quatro boas paginas de typo miudo e altestado, reflecto, estanco, empalideço e fico.

Não tenho o direito de abusar da paciência dos leitores. Vamos, pois, ao desfecho desta aventura dos caracois.

As quatro paginas descrevem o apparelho, em duplicado, que servia para as transmissões. Resumindo: imagine o leitor dois pianos, um aqui em Braga outro em Timbuctú: Tocando aqui num caracol, que em tempos foi educado num pensionato caracolico juntamente com outro, que com elle sympathizou e está actualmente em Timbuctú—imediatamente o companheiro recebe o fluido e manifesta a commoção caracolica lá no interior d'África.

E vice versa, é claro.

Isto foi o que, como vimos, afitrou em 1850 ás fauces hiantes da credulidade parisiense o diario de mr. de Girardin: *La Presse*. Mas o mais bonito vem agora!

Sigamos o relato de Figuier: apresenta-nos elle o sr. Triat, fundador e director do Gymnasio de Paris, uma das mais bellas creações da Europa. O sr. Triat não é somente o primeiro gymnasiarca de França, é tambem um homem de alta intelligencia e d'antemão favoravel a todos os progressos intellectuaes.

Com este sr. Triat foi ter um dia Benoit, o inventor francès do telegrapho caracolico, apparelho a que, pela recordada analogia com a aranha e o bicho da seda, talvez se podesse chamar *telegraphia sem baba*. Expos-lhe a invenção; para effectuar a realização de tão estupendo obra só lhe faltavam meios. O sr. Benoit vivia na miseria.

—E que precisa?—diz Triat.

—Uns pedaços de madeira e um operario!—responde Benoit.

E pronto. Triat pôs á disposição de Benoit a officina annexa ao seu gymnasio. Fez mais: alugou quarto e pagou o sustento ao assombroso genio inventor de tal maravilha. Benoit, durante quasi um anno, viveu á custa de Triat o homem de alta intelligencia, favoravel d'antemão a todos os progressos intellectuaes.

Por fim appareceu o apparelho: uma enorme bismarica formada de travessas de três metros de comprimento, que supportava uma especie de pilha voltaica, na qual estavam colladas a distancia os pobres caracois vivos: era a famosa *bussola pasilalinica sympathica*. A cada um dos vinte e quatro caracois correspondia uma letra do alphabeto. Em frente d'este apparelho, outro igual. O

leitor advinha o resto: tocando no caracol A do apparelho n.º 1, o caracol A do apparelho n.º 2 commoviasse pela transmissão de fluido sympathico, qualquer que fosse a distancia. Benoit affirmava que estava em communicação diaria com o seu amigo Chrétien, da America por meio de identico apparelho.

A experiencia, que já ia tardando ao sr. Triat, fez-se em Paris, não collocando os dois apparehos em pontos apartados da cidade... mas na mesma sala, porque Benoit, allegando defeitos accidentaes da construção das bussolas provisórias, assim o exigiu.

Nem ao menos um corpo opaco, um biombo, um fobique/occultava os apparehos um ao outro. Em resultado a experiencia foi uma verdadeira mystificação: Benoit andou como lançadeira de um para outro apparelho, e conseguiu receber por commoção caracolica a palavra *gymnase feita gymnote*. O sr. Triat transmittiu depois *lumière divine* que chegou *lumiere divine* ao outro apparelho.

Como o caso trescalava a comedia pelas andanças continuas de Benoit, pediu Triat que elle se pusesse em communicação com Chrétien, na America. Benoit, imperturbavel chegou um caracol aos quatro correspondentes ás letras Biat (o homem era Chrétien Biat) e... esperou-se a resposta da America. Passado algum tempo, como alguns caracois mostrassem os corninhos, juntando com arte (diz Figuier) as letras assim designadas, obteve-se *c'est bien* ("Está bem").

Triat, plenamente convencido da comedia, leu com pasmo, na *Presse*, o relato desta experiencia apresentada como demonstração sem replica da grande descoberta! Oh, a imprensa! Ha annos, o *Primeiro de Janeiro* tambem... Vollemos aos caracois. Declarou pois a Benoit que lhe retirava o apoio. Como o homem insistiu, propôs-lhe que fossem separados por um biombo os apparehos, e que elle não fosse, durante a experiencia, de um apparelho ao outro. Se d'este modo apparecesse uma só palavra transmittida offerencia-lhe *mil francos por dia* enquanto durassem as experiencias. Girardin offereceu-lhe outro tanto. Quatro centos mil reis por dia... Chegamos ao desfecho... Conta Figuier:

A uma proposta tão simples e para elle vantajosa, e decisiva para a sua invenção sabeis qual foi a resposta de Benoit? Desappareceu sem dar noticias suas a quem lhe prodigara por tanto tempo incitamentos para suas investigações e soccorros para a sua miseria. Vimo-lo duas ou tres vezes em Paris. Era um homem magro e negro, barba grande e certas maneiras de hallucinado. Morreu em principios de 1852.

No momento em que Benoit deixava este mundo, faziam irrupção na Europa os espiritos americanos. Se tivesse vivido uns annos mais, Benoit estava talhado para desempenhar um grande papel e tornar-se um personagem importante no movimento espiritaista, que não tardou em rebentar em Franca. Mas a Parca cruel não quis assim.

Com effeito, se o leitor abrir o numero de março da revista espiritaista *Luz e Caridade* de Braga, lá encontrará minuciosamente descrito não um telegrapho caracolico utilizavel entre Paris e a America, mas coisa melhor: um telegrapho psychico, munido dum olho tambem psychico, para communicações psychicas entre este mundo e qualquer outro!

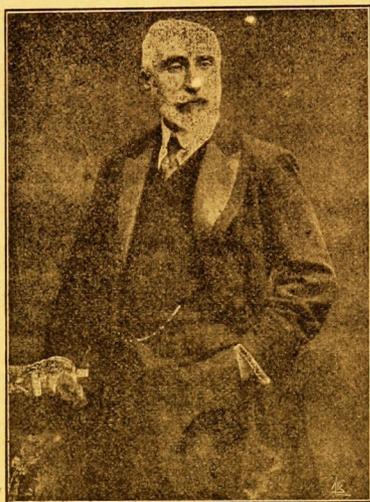
Nós, attendendo á quadra quaeresmal, vamos pedir no proximo serão aos caracois que nos préguem um sermão proveitoso para as communicações neste mundo... e no outro!

Vida Intensa

POR J. DE FARIA MACHADO.

Maura si ...

SEGUNDO telegramas dos jornaes Maura está emfim no poder. A crise hespanhola tem finalmente a sua natural solução. Desde a barcelonada tragica, que a corôa hesitava em combinações e artimanhas, rodeando o problema, caminhando tímida, por verêdas e escosnos para o verdadeiro fim.



Maura



E tudo falhou, tudo se esboroou, tudo, desde as combinações mais subtis às mais enredadas praticas para solucionar o problema. Mas o maurismo ganháva a opinião, dominava, impunha-se. O Rei hesitava ainda. Lançou-se na democracia coroáda e inventou esse malogrado Canalegas, com a sua política liberalissima de transigencias e de concessões, scindiu depois os liberaes e

creou o *prietismo* transitorio, deuseu até á esquerda extrema para dar aos reformistas declamatorios o mel do poder, fraccionou os conservadores para sagrar a rebeldia de Dato e o problema manteve-se insolúvel. No entanto o maurismo avançava como uma onda brava esbatendo-se n'uma ameaça sobre os limos lodosos da revolução parasiando nas rochas duras do regimen. Alfonso XIII não queria atacar o problema de frente. Os revolucionarios relutavam *Maura no*, a Hespanha inteira gritava *Maura si* e o Rei hesitava entre esses dois clamores. Vieram as juntas de defesa indisciplinadas mas patrioticas e Maura recebeu o encargo de formar gabinete mas a onda vermelha borbulhou ameaças e a corôa tremula addiou, addiou e estendeu ao estadista insigne o *capotazo* perfido d'um gabinete heterogeneo onde o seu programma se não podia realisar. Mas a situação aggravou-se. Debaixo d'apparente calma baseava um vulcão brutal e perante as ultimas greves, verdadeiros e sinistros residuos d'uma revolução perigosa, a corôa decidiu-se e foi abertamente ao fim.

Maura está no poder, onde vae realisar o seu programa, cumprir as suas promessas, satisfazer os seus compromissos e as esquerdas persistem n'um instincto de defesa porque pela primeira vez lhes vão fazer frente a valer — em se lançarem na revolução Maura saberá e poderá, arrancar mesmo, d'um mar de sangue, uma Hespanha forte e rejuvenecida pelo triumpho da liberdade e do direito.

A grande nação vive a sua hora critica. O *Maura si* ou *Maura nó* tem agora um aspecto mais grave; ou triumpho com os processos do grande homem d'estado ou com elle sossobra por um caminho aspero que Deus sabe onde chegará.

O problema este. A consciencia nacional dar-lhes-ha solução. Deus queira que sim.

FACTOS



O illustre piannista Vianna da Motta e sua esposa
snr.^a D.^a Bertha Vianna da Motta.

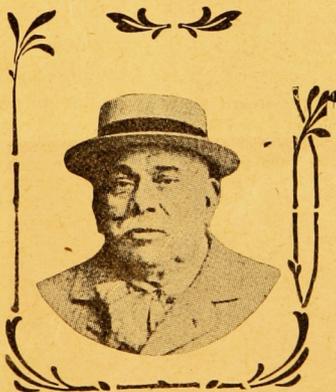
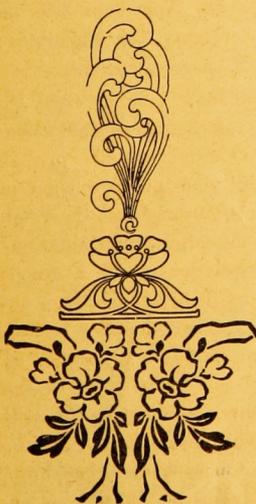
O illustre pianista-compositor portuguez José Vianna da Motta, chegou recentemente do paiz visinho, onde durante algum tempo mostrou ao culto povo hespanhol o seu talento musical em Madrid, Barcelona e nas principaes cidades.

Toda a imprensa hespanhola em termos justos lhe lavrou rasgados elogios.

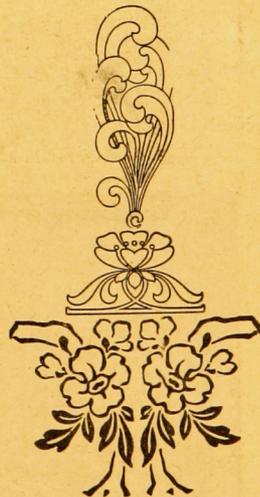
Foi discipulo do grande Liszt e d'outros eximios cultores da arte musical.

E' um dos virtuosi mais admirados e respeitdos no nosso paiz e em toda a Europa.

A sua technica e as suas qualidades de interprete, apreciam-se na magnifica symphonia A Patria, obra grandiosa como contextura e orchestração.



Visconde de S. Luiz Braga



Na Casa de Saude Portuense, morreu recentemente o snr. Visconde de S. Luiz Braga, que ha tempos se encontrava alli em tratamento. Com a morte d'este illustre titular, o theatro portuguez perdeu uma das figuras mais valiosas que lhe deu grande impulso, reunindo no seu palco grandes celebridades scenicas portuguezas e estrangeiras. O Theatro Republica lhe deve a ida ao seu palco de Zaconi, Novelli, T ina di Lorenzo, Mimi Aguglia, Rosario Pino, Maria Guerrero, Coquelin aine, Sarah Bernhardt, e d'outros mais. Era natural do Brazil. Sua Magestade Snr. D. Carlos agraciou-o com o titulo de Visconde de S. Luiz Braga. A "Illustração Catholica" ao seu ex.^{mo} irmão dr. Carlos d'Almeida Braga e sobrinhos envia as suas condolencias

A lua e seus mysterios

As duas gravuras juntas são a reprodução de fotografias lunares, obtidas com a grande equatorial do Monte Wilson na America do Norte.

A primeira mostra-nos a grande cordilheira dos Apenninos lunares, enorme macisso em que termino a ponta superior dos crescentes.

A direita da gravura destaca-se uma grande planicie que é chamada o Mar das Chuvas; á esquerda o Mar da Serenidade e limitando o macisso na parte superior o Mar dos Vapores.

Ao cimo começa o Mar dos Humores.

A segunda gravura mostra-nos a borda Occidental dos crescentes.

Destacam-se, de cima a baixo no Mar da Fecundidade as crateras, Petavias Vendelino e Langrenio.

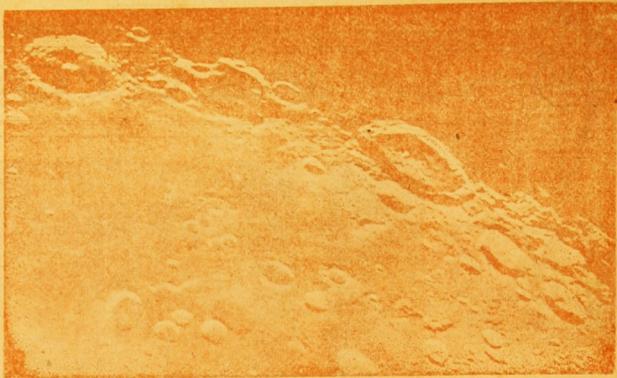
Na parte inferior da gravura está o Mar da Tranquillidade e em cima, á direita fica o Mar dos Nectares.

E' facil conhecer nas gravuras que as montanhas terminam no cimo por uma depressão, igual ou parecidas ás crateras volcanicas do nosso planeta.

Os montes mais altos da lua medem respectivamente 7610 e 7603 metros de altura.

Na terra existem no entanto maiores elevações.

O pico de Sanrisenkan na cordilheira do



A cordilheira dos Apenninos

Himalaya eleva-se a 8837 metros acima do nivel do mar.

E' necessario recordar que outro tanto mediriam, se nos importasse-mos com a profundidade dos mares.

Feita a conta á pequenez do astro com relação ao nosso mundo, resulta que as maiores elevações da lua, representam uns quatro centos e setenta avos de diametro lunar e as da Terra não chegam bem á millesima parte do diametro terrestre.

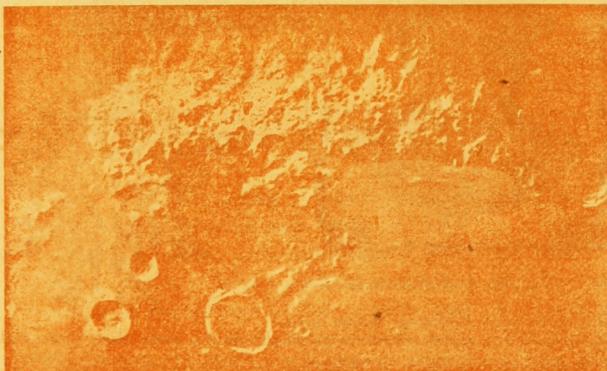
As montanhas lunares tem maior vantagem sobre as terrestres na amplitude das crateras.

O Monte Huygens dos Apenninos tem de bordo a bordo das crateras 210 kilometros; 200 a Schikard e 150 a da Petavia.

Com auxilio das lentes, reconhecemos escombros juntos das crateras, certamente depositados ali por enormes cataclismos.

Deste planeta nos chegou a primeira luz que havia de illuminar o ceu astronomico, antes que a curiosidade scientifica descobrisse os planetas, primeiro, e o mundo estellar, depois.

E' assim como os gregos para mostrar a velha estirpe da sua progenitudo suppunham os seus primitivos nascidos no Sol e os Delfos criam haver chegado á Terra depois do Diluvio; os naturaes da Arcadia se denominavam a si mesmo *proselenos*, ou nascidos antes que a lua existisse.



Borda Occidental da lua e as crateras



Portuguezes na Guerra

GRUPO SCENICO E OPHEON

Da Secção de Sinaileiros do B. I. 8

Recordação do Sarau de 3 de Fevereiro, dedicado aos
Srs. Officiaes do Batalhão

Da direita para a esquerda.

1.º Plano—sentados no chão.

Manoel Carneiro, electricista; Luiz Antunes Ferraz Mafios, tenor; Manoel d'Oliveira Campos, do grupo scenico; Custodio Pereira, Joaquim Pereira Lopes, caracterizador do grupo.

2.º Plano—sentados.

Domingos Gonçalves Neiva, tiples; Antonio Gonçalves Pindela, regente do orpheon; Antonio Talaya e Motta, presidente do grupo; Manoel Lopes da Silva, ensaiador; Edmundo Nunes, do grupo scenico; Juell Martins Silva, idem.

3.º Plano—de pé.

Daniel da Costa Ferreira, tiples; José de Carvalho, contra-regro; Adolpho da Silva Pinto, ponto; Adelino Marques Victorino, tiples; Manoel Joaquim Camêlo Junior, do grupo scenico; Manoel José Taveira, baixo; João Veigo, idem.

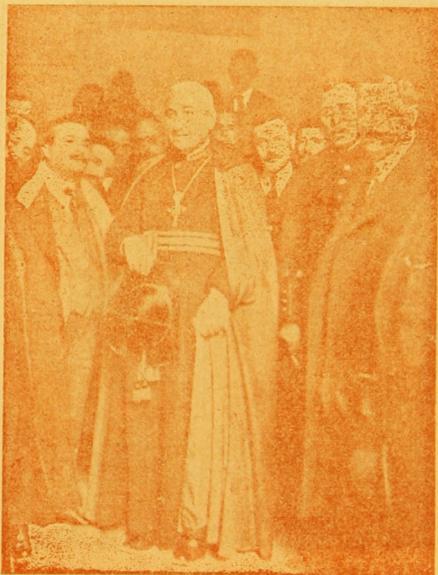
4.º Plano—idem.

João Marcelino Padeiro, do grupo; João Ferreira d'Azevedo, tiples; Adelino Gabriel Simões, carpinteiro de scena; Manoel Peixoto, baixo; Manoel da Costa Ferreira, carpinteiro de scena; Joaquim da Silva Machado, tiples.

No ultimo plano—de pé.

Antonio d'Oliveira Victoria, do grupo; João Fernandes Costa, baixo e Flaviano Auguto da Silva, tenor.

Eleições em Hespanha



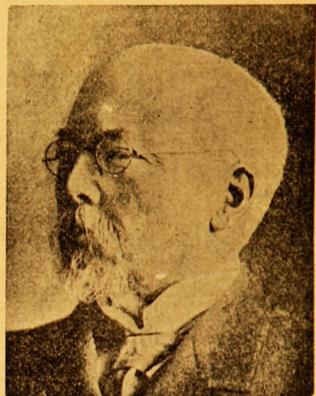
O bispo de Murcia saindo da assembleia eleitoral onde votou



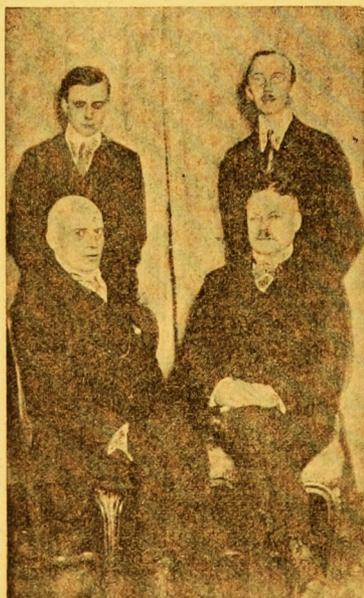
Paginas da guerra Europeia



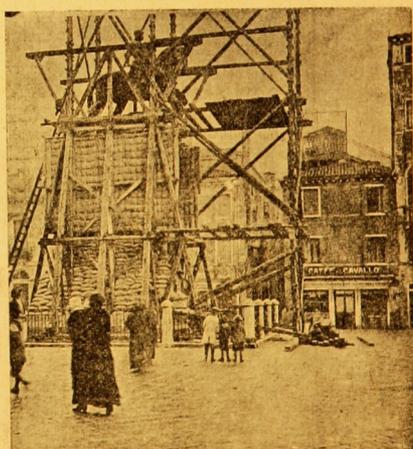
M. Chingarew, ex ministro do primeiro gabinete de Kerensky, assassinado por a guarda roxa em Petrogrado.



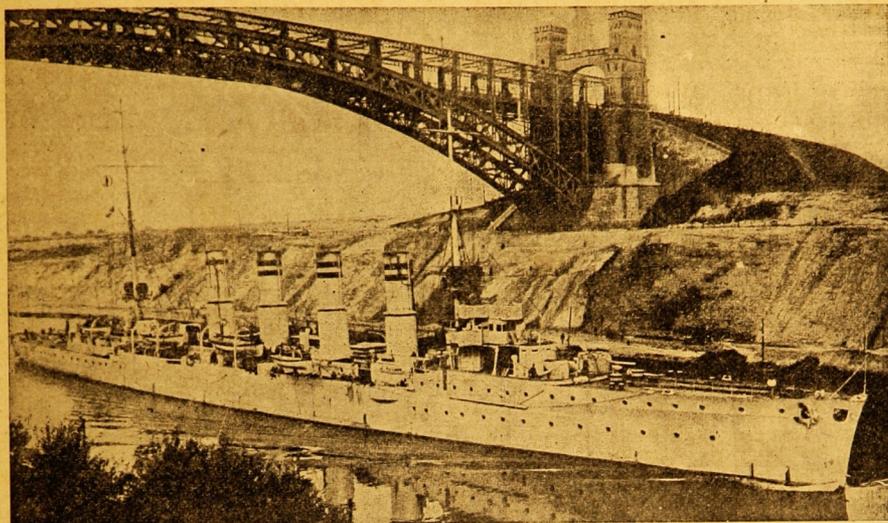
Conde de Herthing, novo chancellor allemão.



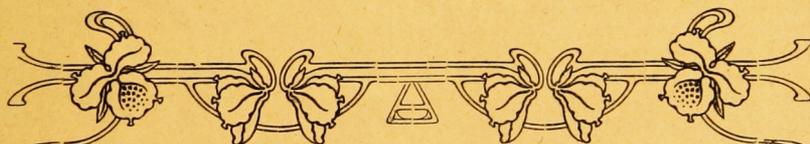
A missão finlandeza que foi a Paris pedir ao governo francez que reconhecesse a independencia da nova republica da Fin'and'a.



O monumento a Colleone, quasi todo coberto de sacos de areia para o livrar dos estilhaços das bombas dos aeroplanos inimigos.



O cruzador *Breslau* cedido á Turquia pelos allemães afundado recentemente no mar Egeo pelos inglezes



As tropas inglezas desfilando n'uma praça de Bagdad na Mesopotamia

Boticas de outr'ora e farmacias de hoje



DESDE que a humanidade começou a sofrer surgiu a ideia de preparar remedios, procurando medicamentos cujas propriedades ignorava quando não davam resultado, deitavám-nos fora; quando curavam tornavam a utilisal-os em casos analogos. Assim nasceram os medicos, os pharmaceuticos e os cirurgiões,

sciencia pharmaceutica, que demandaria pesados volumes. E vá de recordar que vulgarmente se lhes chama, e com historica justiza, *boticas*. Botica deriva do francez *boutique*. Notemos porém que outrosim significa a caixa com medicamentos mais usuaes para viagens e ambulancias, como significou tambem provimento. Assim topará o leitor na 10.^a *Década*, liv. 10, cap. 9 de Diogo



Universidade do Porto

4.^o ANNO DO CURSO DE PHARMACIA

Da esquerda para a direita: D. Cecilia Correia, Tenente Adelino Augusto de Miranda, D. Elvira de Jesus Coehor, Luiz de Souza Gomes Vellozo, Joaquim Ferreira Pinto, Bernardo dos Santos Ferreira.

Quer o leitor, mesmo que não seja pharmaceutico, vir passear commigo por estes dominios da cura de molestias e andaços?

Um pouco de philologia primeiro. A palavra *pharmácia* vem do latim *pharmacia* e do grego *phármakon*, remedio. Por ella se designa a parte da medicina que ensina a conhecer e conservar as drogas medicinaes preparar os remedios; e ainda o estabelecimento onde estes se preparam e vendem. E' mais d'esies ultimos que tractamos, que da

do Coulo, que so feilicetro mostrou a *botica* que trazia para ferver encantamentos que foram um livro com figuras e letras. Bons remedios, não haja duvidas! Mas o mais curioso ainda é que *botica* designou tambem (ã semelhança do *boutique* francez, *lieu d'é-talage et de vente au dé tail*) a loja onde se vendia fazenda a retalho.

Lã vem por exemplo, no *Castrioto Lusitano* de Raphael de Jesus, folha 5.^a n'essa significação. Como o negocio é jogo, tam-

bem casa de jogo foi chamada *botica*. «O taful passa o dia a correr todas as *boticas* e telonios lê-se no *T. de Agora*. O gamão, favorito companheiro das *pharmacias* de muitas villas e aldeias tornadas *clubs* de má lingua, será porventura o ultimo abencerragem das tavolagens antigas!... Até já um chistoso denominou certo partido da republica uma *pharmacia* onde se joga o gamão e se corta azêdamente na casaca dos outros. Sua razão linha o tal chistoso, que uma *pharmacia* de Lisboa é ou era o ponto de reunião dos partidarios do sr. Brito Camacho!...

E se dissermos que em França quando se quer condemnar o desarrumo de uma casa, se exclama: *quelle boutique!*

Aqui temos os *boticarios* a aguentar as culpas dos outros! Bem lhes bastavam as sangrentas *charges* de Bocage:

Arrumado às duas portas
Pingue boticario estava
E brandamente acusou
A um doutor que passava.
Mal que chega o bom Galeno
Diz o outro em ar jocundo:
Unâmo-nos, caro doutor,
E dêmos cabo do mundo!

Seja dicto que tambem ha *boticários* de boa graça. Gabava-se um de ter na sua *botica* toda a qualidade de espiritos. Um estudante quiz divertir-se embaraçando-o e pediu-lhe que lhe mostrasse espirito de contradicção. O *boticário* ficou um tanto enleado, mas logo trepando escada acima, desceu d'ahi a instantes trazendo a mulher pela mão, e apresentando-a ao academico: «Aqui tem em pessoa, disse, espirito de contradicção».

Dêmos porém, *pharmacopôlia* mão d'estes anedoticos entretens e volvamos ao fio do artigo.

No Egypto appareceram os *rhizotomas*, as *farmacôbolas* e os *farmaceutribas* que recolhiam, preparavam e vendiam as plantas medicinaes.

O ópio, o absintho, os *collyrios*, os *ceratos*, etc., Conhecem-se desde a antiguidade, e muitos productos *pharmaceuticos* continuam a preparar-se hoje como se preparavam em Roma, em Athenas e Alexandria. O gral, a pedra de pisar, e outros apetrechos formavam parte dos laboratorios de outrora como dos de hoje em dia e das grandes fabricas de productos *pharmaceuticos* e drogas.

Os judeus e os árabes adelantaram-se bastante nos estudos de *pharmacia*, dactando os seus formularios do IX século. Fazer a historia da *pharmácia* desde essa época seria interminavel.

O *Pharmaceutico* d'hoje é sobretudo um

chimico completo. Nos seus laboratorios especializados, elle trabalha nas maravilhas da Bacteriologia, desvendando toda a multidão microbiana; na chimica biologica e na biologia humana, onde se prescutam todos os phenomenos vitaes, sem duvida dos mais interessantes da sciencia moderna; na hydrologia, que trata da analyse das aguas mineaes, de que tão rico é o nosso paiz; na bromatologia, ou da analyse de alimentos e falsificações; na toxicologia ou investigação de venenos, servindo de peritos judiciais em casos de morte acidental, etc. Nas grandes fabricas de productos chimicos em cuja industria a Alemanha batia o *record* mundial, são ainda os *pharmaceuticos* que estão á frente da sua laboração, que sae desde as drogas industriaes até ás mais delicadas preparações organothêrapicas. E' nos seus minuciosos laboratorios, que elles preparam, os mais séros, as injeções, etc.

Quão modestos e pobres resultam os utensilios de outrora comparados ás cubas gigantesca onde se crystallisa o sulfato de maguesia, com os enormes lambiques onde se elabora a cocaína com as pesadas mós e fortes pilões que pulverisam o benzoato de sodal!

A visita a uma d'esses grandes fabricas deixar-nos-hia assombrados, ao vêr duzias e duzias de enormes depositos; fornos que calcinam de 5 a 6.000 kilos de maguesia por anno; pavilhões inteiros de janellas, cobertas por largos cortinados pretos, onde n'um alambique, que contem clorêto de cal, cal apagada, agua e alcool, se prepara o cloro formio. Mais alem extrêe-se a cocaína das folhas de côco; não longe prepara-se o quinino, o bismusto, quase todos os medicamentos modernos...

As *boticas* de outrora e as *pharmacias* de hoje!

Os velhos e estreitos quartos murados de altas estantes, com bojudos e floreados boiões, prênhes de enguentos e hervas (agua no poço e herva no quintal; dizia o outro!...) e as grandes *pharmacias* modernas, verdadeiros laboratorios que a saúde humana não dispensa e sem os quaes a medicina ficaria inane!

Exigem estas, verdadeiras competencias e vocações a dirigil'as.

O velho gamão está destinado a cobrir-se de pó, escondido entre caixotes de medicamentos...

Esse gamão foi com certeza o pae do sr. Homais da *Madame Bovary* de Flaubert, *pharmaceutico* e livre-pensador, a asneira burgueza, com lardo de larachas pesadas, e umas tinturas de litteratices e sciencia, imbecil complicado de sabichão grotesco. Foi, com certeza...

A gente está a vê'o espalhado por todas essas pharmacias de villórios e cidades uma das quaes foi a primeira prisão de Fialho, cuja só lembrança. confessava elle na autobiographia do *A esquina* lhe fazia mais tarde ranger os dentes de despeito.

Como elle descreveu essa vida de sete annos de tortura, que o é tambem para tantos, na idade que elle tinha!

*A botica para mim teve a vantagem de me pôr em contacto absoluto com o povo, de me mostrar a existencia dos bairros pobres, n'uma cidade onde o operario envehêce sem a menor ideia do conforto, e cumulativamente ensinou me o manuseio e preparo dos venênos, arte de que me tenho servido com exito para rebentar diversos ratanzas. Durante esses sete annos d'emplastos a de pilulas, ninguem pôde imaginar os tormentos que eu passei. Davam-me trez horas aos domingos, para oxigenar os pulmões cançados de respirar fedentinas de drogas eervas pôdres; a minha alimentação era uma burundanga que sobrava do jantar da familia do patrão... A baiuca onde eu praticava, era tão velha, infecta escura e desorna-

da, que ainda hoje me surprehendo da triumphancia vital deste arcaboço que poude resistir sete annos áquelle inferno de ratos, pias rôlas, miseria alimenticia e ruçuns d'unguentos prehistoricos. A's oito horas da noite começavam a entrar os da palestra; armava-se uma conversinha pulada sobre os casos do bairro e da politica: havia o gracioso, o sensato, o espirito inventivo, o intransigente e o erudito, que soâdas as onze, depois de se terem envenenado trez horas do azedume dos seus ordenados famêlicos e dos seus azares de familia embirrativos, debandavam aos pares, erguendo as golas dos fraques, e concordando em que não havia senão ladrões n'este paiz.

Sô quem não soube nunca o penar d'esses pobres praticantes das pharmácias de villórios e cidades é que não encontrará plena justiça nas palavras de Fialho.

A pharmacia moderna perdeu esse pitoresco horroroso. Mas ganhou alguma coisa de maior: prestigio scientifico e limpeza!

F. d'Almeirim

QUADROS

XX

O JARDIM

A' Ex.ma Senhora D. Maria Anna
Jacome Girão Pereira Vasconcellos

—Mãe—pergunta a filha docemente—
Porque é que eu gosto tanto do jardim?
Será porque eu na flôr acho o setim
Da tua linda face alvincente?—

E a mãe, sorrindo:—Gostas porque és crente,
Porque és bondosa e pura, porque, enfim,
Amas a Deus ainda mais que a mim,
Vendo-O na flôr como caricia olente.

—Ah! sim, ó minha Mãe! Eu, no perfume
Do jardim, sinto um beijo que me ecalma
O mais ardente e desvairedo lume...

Quantas vezes, ó Mãe beijando a palma
Que faço á tarde, como é meu costume,
Não julgo cada flôr um beijo d'alma?

Jose Agostinho.

Brincando

Da cestinha das merendas
Que ella tem, alli, no chão.
Tira, com toda a attenção,
Umhas litas e outras prendas.

Que choros e que contendas,
Que maguas e que afflicção,
Se alguem vem e lança a mão
Aos farrapos d'essas rendas!

Assentada ao pé da porta,
As rendas prega e recorta,
Com um tal geito e cuidado...

Que, passe lá quem passar,
Nada distrae seu olhar
Tam limpo e immaculado.

Francisco Sequeira.

Nota—O nosso numero 245 trazia na pagina de versos um soneto intitulado *Na despedida* do nosso colaborador e mimoso poeta srr. Alberto Leitão. Para obstar a enganos vimos annunciar aos nossos leitores que este senhor não é o sacerdote, mas tem o nome P.^o Alberto Leitão e que tambem é um primoso poeta.

Monte-Pio do Clero Secular Portuguez

Successor da Veneravel Irmandade dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clérigo d'ordens sacras, que desejar allistar-se n'ete Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

- 1.º Certidão d'idade, devidamente reconhecida por notario.
- 2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (pallavras textuaveis).
- 3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcepreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum. Se o clérigo residir na Archidocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Arnaldo Carlos Lamas d'Oliveira residente na rua de 5 de Outubro, n.º 80 em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Araújo Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Afonso do Paço, capellão da Misericordia de Vianna do Castello, se residir no concelho de Vianna do Castello; ao Rev. Padre Manuel do Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parochio de S. Vicente de Ajuarrotta, se residir no concelho de Alameda.

Os membros evs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissões, recebem as quotas, pagam subsidios, etc.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações chirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo sito na rua numero 3, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livraria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos mehores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fóra de Lisboa.



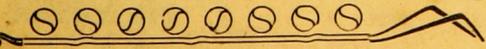
FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souo
BRAGA

Estabelecimento mais antigo
e acreditado d'este genero



O O O O O O

Estampas

para enthronização do S. Coração de Jesus.
pressas finamente a duas cores. Cada exemplar, 60 remis
Pelo correio, 65 rs.

Pedidos á administração dos «ECHO DO MINHO»
BRAGA

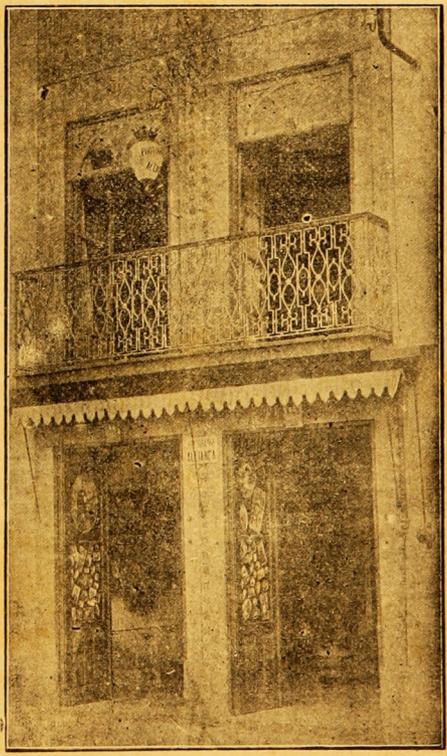
Collegio de S. Thomaz d'Aquino

BRAGA

Fundado em 1896
DIRECTOR
Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga

Admitte alumnos internos, externos
para o curso dos Lyceus, Commercial e
Instrução Primaria..

O O O O O O



PHOTOGRAPHIA ALLIANÇA

44 Praça Alexandre Herculano, 45

BRAGA

Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos

DO

Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis, encarrega-se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica e de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos, e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com sunma brevidade e maxima economia.

Tem anexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos «Echouso Minho», e officinas de encadernação onde são executados quaesquer trabalhos, com maxima rapidez, perfeição, e economia.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P. Villela & Irmão

83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—81

(Antiga Rua da Rainha)

BRAGA